

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

MARIA PAZ LOZANO CHIQUILLO

VIVÊNCIAS NO CURSO DE MEDICINA UFSCAR

SÃO CARLOS -SP

[2023]

MARIA PAZ LOZANO CHIQUILLO

VIVÊNCIAS NO CURSO DE MEDICINA UFSCAR

Trabalho de conclusão de curso para
obtenção do título de graduação em
Medicina da Universidade Federal de
São Carlos (UFSCar)

Orientadora: Profa. Dra. Silvana
Florêncio Chachá

São Carlos-SP
[2023]

AGRADECIMENTO

A Deus, a razão de minha existência, que me deu a oportunidade da vida mais que uma vez, e colocou no meu caminho pessoas de bom coração.

Ao meu pai, Cesar Augusto, meu grande encorajador, meu suporte. Apesar de hoje você pertencer a outro plano, nunca senti que você me deixou.

À minha mãe, Lola Maria, a mulher mais forte que conheci, meu porto seguro, minha companheira. O seu trabalho duro, sua excelência profissional, sua personalidade autêntica e criativa, a fazem meu maior modelo de vida.

Ao meu irmão mais velho, Sérgio, que faz jus ao nome e desde que nasci cuidou de mim. Confio minha vida a você. Ao meu avô, Luis Augusto por todos os ensinamentos, entre eles o valor da gratidão e amor pela vida.

A todos os meus cachorros: Dino, Neném, Yuca, Yzma, Pepita, Tutti, Mario, Bobby Johnson, Buzz, Guñin e Blue. Pela fonte de amor e acalento até em seus mais simples gestos.

A UFSCar, por ministrar um curso de qualidade que me propiciou diversos momentos de aprendizado e crescimento acadêmico e pessoal. Ao Daniel e meus colegas com os quais tenho muito afeto desde o primeiro ano, e os que conheci pelo caminho até aqui. Ao Yuji, minha dupla desde o terceiro ano, que esteve junto comigo em minhas conquistas e permaneceu ao meu lado nos momentos difíceis.

Aos meus professores que investiram e se dedicaram a exercer o lindo ato de ensinar, e me guiaram com humildade nesta jornada, vocês nunca serão esquecidos.

À professora Silvana pela paciência e incentivos na construção deste Trabalho.

Aos meus Pacientes, minha maior fonte de inspiração e incentivo para ser sempre melhor.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é previsto no Projeto Pedagógico do Curso de Medicina da UFSCar. Trata-se de uma Narrativa Crítico-Reflexiva com base em meus relatos de experiência como estudante deste Curso de Graduação no período de 2017 a 2023, abrangendo, portanto, a pandemia de COVID 19. Iniciei minha narrativa ainda no período antes de chegar a Medicina UFSCar, e a partir disso, discorri neste trabalho sobre minha passagem pelos três grandes ciclos que compõem o Curso, dividindo cada ciclo em um Capítulo diferente - Ciclo Básico, Ciclo Clínico e o Internato.

Palavras-chave: formação médica, metodologia ativa.

RESUMO

Este trabajo de grado hace parte del Proyecto Político Pedagógico de la Facultad de Medicina de la UFSCar. Es una narración crítica-reflexiva, basada en mis experiencias como estudiante de esta Facultad durante el período comprendido entre los años 2017 hasta 2023, por lo tanto, incluye la Pandemia del COVID 19. Discurro en este trabajo, sobre mi recorrido por los tres grandes ciclos que componen el curso – Ciclo Básico, Ciclo Clínico e Internado.

Palabras clave: educación médica, metodología activa.

LISTA DE SIGLAS

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

DMed – Departamento de Medicina

SP – Situação Problema

ES – Estação de Simulação

PP – Prática Profissional

RP – Reflexão da Prática

SUS – Sistema único de Saúde

USF – Unidade de Saúde da Família

UBS – Unidade Básica de Saúde

VD – Visita Domiciliar

USPPS – Unidade de Simulação da Prática Profissional

ADPEA – Avaliação de Desempenho no Processo ensino-aprendizagem

SCrA – Saúde da Criança e Adolescente

SAI – Saúde do Adulto e Idoso

SMu – Saúde da Mulher

HU – Hospital Universitário

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	CHEGADA A MEDICINA UFSCAR	9
3	PRIMEIRO CICLO	10
4	SEGUNDO CICLO	13
5	TERCEIRO CICLO	16
6	OUTRAS ATIVIDADES	20
7	CONCLUSÃO	23
8	REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

Assim como previsto no Projeto Pedagógico do Curso de Medicina da UFSCar, este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo delinear a minha trajetória no Curso de Medicina da Universidade Federal de São Carlos, de maneira Crítico-Reflexiva, através de relatos de experiência. O trabalho foi dividido em diferentes capítulos, desde minha chegada à Medicina UFSCar, passando por cada ciclo que compõe o Curso: primeiro ciclo (ciclo básico), segundo ciclo (ciclo clínico) e finalmente o terceiro ciclo (internato). Após, se seguirá um breve resumo de outras atividades curriculares e extracurriculares que participei ao longo da graduação.

Desde meus primeiros anos de vida, nos quais comecei a tomar consciência de mim mesma como pessoa, fui apresentada a uma sequência de eventos que instigaram de alguma forma minha chegada até o Curso de Medicina da UFSCar. Aos 5 anos de idade, recebi o diagnóstico de câncer, e tive então minhas primeiras experiências na transmissão de más notícias e os recursos farmacológicos e não farmacológicos do controle da dor. No fim do meu último ciclo de quimioterapia, minha família precisou sair de forma totalmente abrupta do país, a Colômbia, para o Brasil, quando comecei a frequentar a escola, me comunicava como podia, até aprender o idioma, que felizmente não demorou muito para ocorrer.

Desde que me foi apresentada, cada ano eu deixava cada vez mais óbvia minha preferência pela biologia, principalmente quando o professor falava sobre a fisiologia humana, despertando em mim uma grande curiosidade sobre o funcionamento dos órgãos e sistemas no ser humano, trabalhando como uma maquinaria perfeita, por mais que pessoalmente eu já soubesse que essa maquinaria não era livre de falhas.

Chegando ao ensino médio, surgiu e cresceu cada vez mais a pressão de tomar as primeiras grandes decisões de minha vida. O que eu faria após me formar? Uma coisa sempre foi certa, eu escolheria algo que me proporcionasse seguir estudando e entendendo as formas de vida em toda sua complexidade. Ainda indecisa, optei por tentar medicina, sem muita esperança de passar direto.

Após a formatura, comecei a receber as primeiras rejeições nos vestibulares, e com isso um tipo de frustração e insegurança que ainda era desconhecido para mim, e quando já estava no processo de me conformar com a situação, vi minha mãe

sorrindo e vindo até mim dizendo que tinha sido aprovada para medicina na Universidade Federal de São Carlos. Nesse momento, lembro do misto de emoções que tomaram conta de mim, o receio de sair de casa e me mudar para uma cidade a 200 km de distância, longe do meu porto seguro, minha família. Sei que fui muito privilegiada em poder escolher, e por mais que não tenha sido fácil, hoje sei que fiz a decisão correta.

Foi assim, então, que mergulhei no Curso de Medicina da UFSCar, ainda muito jovem e imatura, mas imensamente feliz em ser oficialmente estudante de medicina, sabendo que dedicaria o resto da minha vida a essa área.

2 CHEGADA A MEDICINA UFSCAR

A primeira vez que pisei do Departamento de Medicina da UFSCar - o tão famoso DMed, antes mesmo do início das atividades curriculares, conheci ao acaso dois veteranos do quarto ano, um deles era por grande coincidência, também um aluno estrangeiro, Colombiano, assim como eu. Durante a conversa, soube pela primeira vez que no Curso de Medicina da UFSCar não tinha aula, ao invés disso, era fundamentado em uma concepção educativa que estila processos de construção de aprendizagem no qual o estudante tem uma postura ativa em relação ao seu aprendizado (FREIRE, 2006).

Fiquei muito receosa, pois eu tinha a concepção até então que era impossível aprender a praticar Medicina sem aulas. Eu estava recém-chegada de um ensino tradicional, no qual não havia a prática de reflexão e problematização da realidade com integração teórico-prática (SANTOS, 2019).

A estruturação do curso é de fato muito inovadora no Brasil, sob a metodologia “Problem Based Learning” (PBL), um método de ensino no qual os estudantes desenvolvem um pensamento crítico e habilidades de solução que culminarão no aprendizado e na aquisição de conhecimentos (GEMIGNANI, 2012; SANTOS, 2019).

Chegou então o primeiro dia de atividades, que contemplava uma apresentação formal do Curso pelos meus professores e veteranos, com um percurso pelo Campus da UFSCar, onde conheci o resto das instalações do DMed e a Biblioteca Comunitária, que seriam praticamente minha segunda casa em São Carlos, até a chegada da pandemia.

Ainda não sabia naquele momento o que iria acontecer, se eu seria capaz de permanecer no Curso, se enfrentaria muita dificuldade para estudar os conteúdos por conta própria, sequer se entenderia de fato a metodologia ativa, ainda me deixando muito confusa e receosa. Lembro que nesse dia, recebi meu primeiro portfólio, um dos mais significativos e que ainda guardo perto de mim até hoje, pois representa o primeiro momento que tomei as rédeas do meu processo de aprendizagem.

3 PRIMEIRO CICLO:

A minha primeira atividade em pequeno grupo foi a “Situação Problema” (SP), que tem uma grande importância no desenvolvimento do estudo dos sistemas do corpo humano a partir de um texto disparador apresentando no primeiro encontro para cada tema, denominado Síntese Provisória. O pequeno grupo, consistindo de 8 pessoas, articulava entre si para criar Hipóteses e Questões de Aprendizagem a partir do texto disparador, que deveriam ser respondidas uma semana depois, na Nova Síntese, podendo a partir da discussão em grupo confirmar ou refutar as Hipóteses feitas previamente. No fim da Nova Síntese, recebíamos uma Ementa contendo os principais pontos que deveriam ter sido abordados. Ao longo das SPs, meu grupo desenvolveu uma dinâmica muito boa, onde todos se sentiam à vontade, e isso se refletiu na participação cada vez mais homogênea. De fato, o método PBL tem um componente fundamental de trabalho em equipe para integrar novos conhecimentos a partir de pesquisa bibliográfica, auxiliando o grupo como um todo a progredir para a solução do caso (SANTOS, 2019).

Um grande desespero envolvido nesta atividade é a busca por bibliografia, afinal, qual a melhor fonte para cada tema? Principalmente quando eram encontradas divergências entre elas, gerando por vezes impasse na resolução de alguma Questão de Aprendizagem. Posso dizer que, com o ganho de experiência durante as atividades, fui aprendendo aos poucos como buscar cada vez melhor minhas referências, utilizando algo que o curso proporciona muito bem ao estudante, a autonomia.

O Curso de Medicina da UFSCar tem um currículo integrado, que requer articulação entre teoria e a prática. Para isso, tem-se a utilização dos serviços de saúde como cenários de aprendizagem, como descrito no Projeto Político Pedagógico do Curso. A parte prática no primeiro ciclo, consiste na PP (Prática Profissional), de maneira que na UFSCar, os estudantes têm contato com o paciente desde o primeiro ano. Visitamos Unidades Básicas de Saúde, Unidades de Pronto Atendimento, e então, fomos inseridos em uma Unidade de Saúde da Família, onde pretendia-se que ficaríamos pelos próximos quatro anos do Curso. Nas Unidades, tínhamos médicos preceptores e acompanhávamos a rotina do serviço, além disso, expandíamos nossa atuação para todo um território de abrangência, íamos junto com as Assistentes Comunitárias de Saúde às casas de alguns pacientes, e desde então, ficávamos

encarregados em fazer as Visitas Domiciliares ao longo das semanas para eles, nas quais conhecíamos a sua situação biopsicossocial.

No primeiro ciclo, mudamos pelo menos 2 vezes de Unidade, o que eu senti impactar a atividade, pois recomeçamos em um lugar novo e com isso tomávamos tempo em nos adaptar, construir vínculo com a equipe e os pacientes. Espero que a UFSCar possa fortalecer seu espaço na cidade, pois os cenários de prática são uma dificuldade diária no Curso na maioria das turmas.

A RP (Reflexão da Prática), atuava em complemento com a PP, uma vez que servia para discutir temas referentes à prática. No início, trazíamos e compartilhávamos entre nós a História de Vida dos pacientes que acompanhávamos na USF, com detalhamento minucioso. Uma vez que mudamos várias vezes de Unidade, era difícil manter de fato uma relação de temas para discutir com o que era vivenciado na prática, problema que se resolveu de fato apenas no terceiro e início do quarto ano, antes claro do início da pandemia.

ES (Estação de Simulação): Ocorria na Unidade de Simulação da Prática Profissional (USPPS), com um docente responsável, que nos observaria em completo silêncio, durante 40 minutos, a conversar com atores que interpretaram nossos pacientes. Diferente do que ocorria nas minhas Visitas Domiciliares, sentia uma grande dificuldade em fazer essa primeira interação, talvez por saber que nada daquilo era real. Mesmo assim, acredito que a atividade tem importância para aprender a conversar com o paciente e ganhar a habilidade de coletar informações para então escrevermos uma boa História Clínica.

Compartilho um pouco mais de minha experiência pessoal nesse começo de dinâmica em pequenos grupos, por minha personalidade mais introspectiva, senti dificuldade de participar ativamente em comparação com outros membros do grupo com mais facilidade de expor o que estudavam. Nos meus momentos de nervosismo por falar em público, ou mesmo pelo próprio entusiasmo sobre o tema sendo discutido, muitas vezes meus colegas ou facilitador precisaram me pedir para falar mais devagar, pois mesmo que eu dominasse bem o português, estava muito acostumada a falar espanhol em casa desde pequena, e precisava me policiar para não começar a falar em uma velocidade que dificultasse a compressão dos meus colegas. Eu não acredito que minha dificuldade tenha sido a barreira linguística, mas sim a maturidade que precisei alcançar para falar em público e superar minha timidez.

Retrospectivamente, sei que se não fosse o método, provavelmente não teria conseguido superar essas adversidades tão rápido, uma vez que fui colocada fora da minha zona de conforto desde a primeira atividade em grupo.

Como fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso, o sistema de avaliação do Curso consiste na ADPEA (Avaliação de Desempenho no Processo de Ensino-Aprendizagem), e foi um dos conceitos que mais me geraram curiosidade no curso, pois ao invés de receber notas, éramos avaliados de maneira subjetiva pelos nossos professores de pequeno grupo. Me lembro de estar ansiosa nas minhas primeiras avaliações, pois seria minha primeira devolutiva de rendimento no curso que eu tinha escolhido, e por isso sentia muita preocupação com meu desempenho. As AD, nossas provas objetivas abordando os temas estudados nas SP, ocorriam 1 vez no semestre, o que na minha visão, nos coloca em desvantagem para fazer provas em relação a outras faculdades, entendo que o Curso propõe que o primeiro ano não seja exaustivo para os alunos, mas apenas 2 provas ao ano são insuficientes para colocar nosso aprendizado em prática ao pensar em provas objetivas, que dificilmente deixarão de ser parte de nossas vidas na carreira médica.

No segundo ano, não senti o impacto que foi o primeiro, principalmente porque estava estruturado de maneira similar: SP, RP, PP e ES. Seguimos na mesma conformação de grupos na RP e PP, nos demais, começamos a trabalhar com pessoas novas, o que permitiu que eu me aproximasse e criasse amigos. As atividades do segundo ano estavam mais implementadas, de maneira que comecei a estudar, finalmente, a fisiopatologia de doenças que eram introduzidas nos disparadores da SP. Na prática, seguíamos com as VDs de nossos pacientes do primeiro ano, agora adicionando novos, de diferentes ciclos de vida, e as discussões eram mais proveitosas na RP, agora discutindo em grupo planos de cuidados singulares para cada paciente, sentindo assim, que começamos a ajudar de verdade os nossos pacientes.

A atividade que para mim mudou mais drasticamente em relação ao primeiro ano foi a ES, agora com um nível de exigência muito superior, nos fazendo mergulhar no mundo da semiologia. Além de precisar dominar a Anamnese do paciente, era preciso examinar seus diferentes sistemas, para ao final da simulação, já apresentar a ele um plano de cuidados. Faltou ser abordado, no segundo ano, a semiologia do sistema neurológico, o que para mim se tornou devastador nos anos seguintes.

4 SEGUNDO CICLO

O terceiro ano foi um salto na minha formação, principalmente em relação a prática, que ao invés de se denominar RP e PP, agora se ramificava então em 4 diferentes áreas de atuação, em diferentes Unidades de Saúde pela cidade de São Carlos:

Na Saúde da Criança e Adolescente (SCrA) que se passava na USF da Cidade Aracy, começamos pela primeira vez fazer o atendimento de pacientes pediátricos de diferentes idades, aprendemos nesse momento a realizar puericultura, quando o professor Guillermo, um neurologista pediátrico, explicava com maestria como avaliar o desenvolvimento neuropsicomotor.

A atividade Saúde do Adulto e Idoso (SAI) ganhou meu coração desde o primeiro dia. Na Unidade do Vila Isabel, nos dividimos em duplas para atender, e após terminar, passávamos o caso para a nossa professora, Dra. Andreia, e então juntos criávamos uma a conduta para o paciente. No meu primeiro atendimento, receitei pela primeira vez um medicamento anti-hipertensivo, fiz questão de reforçar a importância da mudança de estilo de vida e pactuei com o meu paciente o que seria feito até o seu retorno conosco. Me emocionei por fazer parte de um atendimento que fez diferença na vida de um paciente, o que eu queria fazer pelo resto da vida. A Dra. Andreia impactou muito meu desenvolvimento nesse ano, fazendo discussões riquíssimas conosco sobre alguma patologia vista no dia, conhecer seu quadro clínico e seu diagnóstico, sempre fazendo questão de contribuir com sua experiência e conhecimento, com sua personalidade que deixava o ambiente alegre e fácil de trabalhar. Algumas vezes, inclusive, aplicou algumas questões inspiradas em provas de residências sobre os assuntos que discutimos durante o semestre, prática que auxiliou muito a consolidação do conhecimento.

Na modalidade Saúde da Mulher (SMU), também no Aracy, aprendi a fazer o atendimento direcionado às principais queixas, fazer pré-natal, fazer o exame físico específico da mulher e a coleta de colposcopia. Foi uma atividade muito produtiva, no entanto pelo grande volume de pacientes, dificilmente conseguimos fazer discussões teóricas.

Por fim, na sexta-feira, íamos até a Unidade do Astolpho para atividade na Saúde da Família e Comunidade (SFC), onde tínhamos um espaço físico muito limitado na Unidade, com apenas uma sala disponível para revezar os atendimentos.

Por mais que a Saúde da Família seja uma das áreas pelas quais me interesse, no terceiro ano foi uma na qual tivemos menos prática.

A ES do terceiro ano também foi ramificada em diferentes áreas, SAI, SFC, e SCrA, com um professor para cada especialidade. Cada grupo rotacionava pelas áreas ao longo do semestre, adquirindo assim competências referentes a cada uma. Não citei o SMu, pois nesse ano, pela falta de professor da área, meu grupo ficou sem fazer simulação ou discussão, de maneira que o único momento que pude aprender sobre o tema de fato foi na prática e na SP.

Enquanto o terceiro ano foi extremamente proveitoso e prazeroso, no quarto ano, em 2020, ocorreu o surgimento de disseminação de COVID 19, sendo declarada como pandemia em março pela Organização Mundial de Saúde. Não tínhamos ideia do que estava por vir.

É difícil me recordar com precisão cronológica a partir do momento que pararam as atividades curriculares da Universidade, eu me lembro de receber a notícia em um final de semana no qual estava visitando minha mãe em São Paulo, pelo grupo da turma no dia 14/03/2022, que permaneceríamos afastados das atividades do Curso até o dia 29/03/2022. O que deveriam ser 2 semanas, nas quais eu me preparei para estudar alguns temas que estava vendo no quarto ano, voltei para minha casa em São Carlos meses após, parado no tempo, da maneira que o tinha deixado. Ainda sem perspectiva de fim da Pandemia, sentia muita preocupação em relação a minha formação como médica, ficava semanas sem sair de casa nem para ir ao mercado, observando pelos canais de notícia como o sistema de saúde se esgotava com o aumento explosivo de casos, na sensação de impassividade. Experimentei um tipo de medo pelo qual nunca tinha passado antes, não podia me infectar em hipótese alguma e colocar em risco a vida de outra pessoa. Todos os dias, desejava com muita força a chegada de uma vacina, a única saída para a situação atual.

A Universidade, por mais que tivesse interrompido as atividades curriculares, teve um papel importante para não me deixar perder algo importante nesse momento atípico, que era precisamente manter uma rotina de estudo e atividades. Continuei em andamento minha pesquisa acadêmica, a monitoria de Obstetrícia e atividades da Liga Acadêmica de Cardiologia, da qual era presidente no momento.

Enfim, retornamos aos poucos, primeiro à distância, e então algumas poucas vezes presencialmente. Começava a perceber um pouco (?) do impacto da pandemia

na minha formação, a defasagem deixada por meses sem conversar ou examinar um paciente, sem frequentar as Unidades de Saúde, sem praticar Medicina. Isso a meses do internato, sentia muita ansiedade todos os dias, como podia ter perdido a habilidade em coisas nas quais me dediquei tanto e já dominava antes? Não só precisava correr atrás das temáticas abordadas no quarto ano, como retomar os demais anos.

5 TERCEIRO CICLO

O internato é o terceiro e último ciclo do curso, sendo entre todos o mais prático. Nas semanas antes de começar, fui tomada por muita ansiedade devido as grandes expectativas que guardava desse período ainda muito obscuro, pois era certo que me afastaria ainda mais do Campus da UFSCar. Seria inserida no Hospital Universitário da UFSCar, local onde passaria mais tempo do que a minha própria casa, em uma rotina prática e assistencial, junto ao meu grupo de internato.

A Pediatria foi o primeiro estágio do quinto ano, dividido entre a enfermagem pediátrica do Hospital Universitário e a Maternidade da Santa Casa. Iniciei no HU, onde a rotina consistia em evoluir os pacientes internados, deixar a evolução pronta no sistema informático do Hospital e participar ativamente da visita. Me senti profundamente motivada em estudar em cada momento disponível para melhorar a cada dia, tentando sanar as lacunas vindas da pandemia, de maneira que ao fim da primeira metade do estágio, já me sentia uma pessoa completamente diferente da que entrei, senti que aprendia nos espaços do hospital em um ritmo superior ao dos primeiros anos, a evolução era clara. Na outra metade do estágio de Pediatria, passei para o cenário da Maternidade, voltando o atendimento agora aos recém-nascidos. Não apenas eu, mas todo o meu grupo de internato, foi em algum nível tocado pela neonatologia, assistir à vida de um pequeno ser ao mundo era cativante, prestar assistência a isso apaixonante. Tivemos a oportunidade de realizar uma oficina de Suporte Avançado a Vida em Pediatria (PALS), uma das melhores de todo o curso e faço questão de elogiar. Encerramos o estágio com uma prova multimídia, e para mim foi uma atividade muito importante, uma vez que durante o curso não temos muitas provas objetivas (o máximo até então eram 2 por ano), e praticamente não temos contato com as provas multimídia, que cada vez mais aparecem nas provas de residência.

Segui então para o segundo estágio, desta vez seriam 7 semanas nos Ambulatórios, o cenário era novamente predominante no hospital universitário, e realizei diversos atendimentos em variadas áreas da medicina, como cardiologia que foi ganhando disparadamente como um dos mais proveitosos em relação à variedade de casos e discussões em cima destes, nefrologia, infectologia, infectologia pediátrica, pneumologia pediátrica, endocrinologia pediátrica. Eu senti, vinda de uma pandemia

de Covid 19, falta de um ambulatório de pneumologia adulta, no qual teria sido um aproveitamento muito mais rico

O estágio de Saúde da Mulher foi o próximo, sendo no quinto ano totalmente voltado para a Obstetrícia. O estágio se passava na Maternidade de São Carlos, e por já ter ganho experiência no estágio de Pediatria, tive facilidade em fazer a anamnese materna e saber os princípios do cuidado ao binômio mãe-bebê. O professor Humberto, docente responsável pela atividade, ao longo das 7 semanas de estágio, cumpriu uma grande tarefa na minha formação, desmistificando o parto, mostrando o que é de fato uma assistência humanizada à mulher em trabalho de parto, e nunca economizou esforço em manter sempre as discussões produtivas, e promovendo atividades escritas a cada fim de semana que propiciava a sedimentação do conhecimento, sempre fazendo questão de dar uma devolutiva na próxima semana.

O estágio de Cirurgia era um dos meus maiores receios, nunca me identifiquei muito com a área, apesar de gostar muito de estudar a teoria, sempre tive um pouco de insegurança de realizar procedimentos, tomada por um grande medo de provocar um dano no paciente, e assim ferindo um dos principais ensinamentos da Medicina. No entanto, graças aos docentes, preceptores e residentes, tive oportunidade de iniciar pelos procedimentos mais simples, adquirindo cada vez mais segurança, sem imaginar que no meu sexto ano passaria meu primeiro dreno de tórax em um paciente da enfermaria da Clínica Médica que apresentava um Pneumotórax. Outro ponto forte do estágio de Cirurgia foi a introdução ao Suporte de Vida Avançado ao Trauma – o ATLS, sinto que foi uma das atividades que mais me marcou durante a graduação, que mudou nitidamente minha forma no atendimento ao paciente politraumatizado no Serviço Médico de Urgência da Santa Casa (SMU), sintetizando e praticando a sequência de atendimento que deve ser prestada aos pacientes vítimas de trauma.

Encerrei o quinto ano com o estágio de Clínica Médica, que era situado exclusivamente no HU. Apesar de ter a oportunidade de adquirir experiência e prática ao longo dos outros estágios, a Clínica Médica, não deixou de ser uma curva exponencial de crescimento, que me mudou profundamente como profissional e indivíduo. Assim como fonte de aprendizagem, o estágio foi de longe o mais exigente, pois éramos colocados grandes responsáveis pelos nossos pacientes, os verdadeiros protagonistas deste estágio. Eram manhãs chegando cedo no Hospital e nos apropriarmos dos maiores detalhes do caso dos nossos pacientes para não deixar

nada faltar na passagem de caso da visita. A Dra. Alice, nossa docente, tinha a prática de designar a cada estudante uma pergunta a ser respondida depois, no formato de um *post-it*, que logo começaram a preencher o quadro da sala de prescrição onde nos reuníamos. Os *post-it* eram dados com o objetivo do aluno estudar e então expor ao resto do grupo uma pergunta a respeito do caso do paciente que estivesse acompanhando: uma definição, o quadro clínico mais típico, os critérios diagnósticos ou algum princípio de seu tratamento, por exemplo.

Fomos motivados a estudar para, no dia seguinte, conseguir ajudar de alguma forma nossos pacientes, que na sua maioria tinham doenças crônicas muito agravadas, às vezes, em fase final de vida. Pela primeira vez, experienciamos a perda de pacientes. No estágio de Clínica Médica, nosso papel ganha muita importância no setor, onde nossas sugestões eram ouvidas e aceitas, éramos convidados a participar de reuniões familiares, reuniões de equipe, e os membros da equipe multiprofissional interagiam muito conosco para discutir casos, enriquecendo nossa experiência.

Terminei o estágio de Clínica Médica e por consequência o quinto ano exausta, mas com grande satisfação e ansiosa para me tornar finalmente interna do sexto ano de medicina UFSCar.

Meu grupo optou por iniciar pelo estágio da Cirurgia, que era dividido em ambulatório de especialidades, anestesia, SMu e enfermaria. A enfermaria foi a atividade mais proveitosa, e conseqüentemente, a mais puxada. Tive a experiência de chegar ao hospital as quatro da manhã para fazer a evolução dos pacientes internados, e as visitas foram minha maior fonte de aprendizado nesse estágio.

O meu seguinte estágio foi a Clínica Médica, pelo qual passara não muito tempo atrás. Continuávamos a evoluir pacientes na enfermaria, com o diferencial que durante uma semana do estágio, seríamos inseridos no ambiente de Unidade de Cuidados Intensivos (UTI), onde tínhamos contato com pacientes muito mais complexos, sob uma responsabilidade maior. No entanto, por já ter tido a experiência antes, acredito que foi um trabalho mais leve, que possibilitou consolidar vários temas que já tinham sido vistos no quinto ano. Um ponto forte do estágio e a composição variada de Docentes com diferentes especialidades, contribuindo muito na sua respectiva especialidade, por exemplo, a Dra. Meliza, médica cardiologista, aproveitava sempre a oportunidade para enriquecer as discussões dos pacientes internados por alguma doença cardíaca, majoritariamente Insuficiência Cardíaca, a

qual nos ensinou com a manejar. Aprendi muito sobre cirrose hepática e suas tão variadas complicações com a Dra. Silvana, médica gastroenterologista e hepatologista. A Dra. Maria Paula, além de dermatologista, é uma médica clínica nata que sempre eleva o nível das discussões.

Depois iniciei o estágio de Saúde da Mulher, e enquanto o quinto ano foi voltado para Obstetrícia, o sexto era dedicado quase exclusivamente para a Ginecologia, que não esperava ter gostado tanto quanto gostei, e foi um bom encerramento para o ciclo de saúde da mulher. No estágio de Pediatria, as atividades eram realizadas em sua maioria na Santa Casa de São Carlos, onde passávamos visita na enfermaria, Unidade de Cuidados Intermediários e UTI pediátrica e neonatal. Finalizarei o sexto ano no estágio de Medicina da Família e Comunidade.

6 OUTRAS ATIVIDADES CURRICULARES E EXTRACURRICULARES

Ligas Acadêmicas

Foram uma peça importante na minha graduação, na qual me propus a participar de uma variedade de atividades complementares que pudessem auxiliar com as lacunas de conhecimento inevitáveis do curso, pois não temos exposição a muitos conteúdos e especialidades. Posso citar a Liga Acadêmica de Dermatologia Clínica (LIDERM), Liga Acadêmica de Neurologia da UFSCar (LINEU), Liga Acadêmica de Traumatologia e Ortopedia da UFSCar (LATORP) e Liga de Hematologia da UFSCar (LHEU). É revigorante ver os alunos com a orientação de professores qualificados criando e oferecendo as atividades tão ricas, como palestras, discussão de casos clínicos, seminários, oficina, entre outros.

Além de ligante, cheguei a ser uma das diretoras da Liga Acadêmica de Cardiologia da UFSCar (LACOR) em 2019, e em 2020, fui a presidente da liga. Foi uma das melhores experiências que tive no curso, e junto com a diretoria e professora orientadora da Liga, Dra. Meliza, criamos e gerenciamos diversas atividades inclusive no período de pandemia, inclusive um simpósio de Cardiologia.

Iniciação científica

É inquestionável a importância de realizar iniciação científica (IC) na graduação, afinal, é um dos principais caminhos de despertar a vocação de futuros pesquisadores, listado como um dos objetivos na normatização RN-005/1993 (PINHO, 2017).

Fora da IC, não experienciei em nenhum outro momento do curso atividades abrangessem a metodologia científica. Acredito que encontrar formas de incluir essas atividades na grade curricular possibilitaria inclusive o desenvolvimento dos estudantes de ter uma leitura crítica de um artigo científico, e com isso maior rendimento acadêmico. Desde que soube pela primeira vez da iniciação científica, tive muita vontade de ter participação em um projeto, no entanto, não é fácil para um estudante conseguir IC nos primeiros anos. Entre o terceiro e quarto ano de Graduação, fiz a minha primeira IC, com a temática “Torcedores do Sexo Masculino e o Consumo de Álcool e/ou Outras Substâncias Psicoativas”, acredito que o maior

ganho de fato foi a introdução à pesquisa e suas metodologias, e com sucesso apresentei pela primeira vez no Congresso de Iniciação Científica da UFSCar.

Em seguida, realizei meu segundo projeto de pesquisa, desta vez como bolsista PIBIC, intitulada “Acurácia da Ultrassonografia Obstétrica comparada a Ecocardiografia fetal no Diagnóstico Antenatal das Cardiopatias Congênitas”. Também foi uma experiência bastante significativa, uma vez que foi feita com a mesma professora orientadora da liga de cardiologia, Dra. Meliza, que foi muito receptiva comigo desde o início, e me deu a oportunidade de fazer parte de seu grupo de pesquisa. Entender a embriologia do sistema cardiovascular e a dinâmica das repercussões que as principais cardiopatias congênitas causavam no organismo foi para mim muito proveitoso, e a IC possibilitou aprofundar e consolidar essa temática tão fascinante, e abordou a avaliação dos testes diagnósticos, como sensibilidade, especificidade e valores preditivos. O trabalho da IC tinha como objetivo comparar a acurácia da ultrassonografia obstétrica com a ecocardiografia antenatal no diagnóstico das cardiopatias congênitas. Apresentei novamente no Congresso de Iniciação Científica da UFSCar, e no Congresso da Sociedade de Cardiologia de São Paulo (SOCESP). O projeto também rendeu um artigo internacional na revista “Progress in Pediatric Cardiology”, um relato de caso também publicado internacionalmente, intitulado “Cardiac Fetal Changes Associated with Maternal Infection by SARS-CoV-2” (CARVALHO, et al., 2021; CARVALHO, et al., 2022).

ACIEPE, Monitorias e atividades de extensão

No primeiro ano, tive a oportunidade de ser ouvinte na ACIEPE “Tópicos de Genética Médica”. Participei também em duas monitorias em Obstetrícia durante o quarto ano (2020), fazendo parte da Equipe de Trabalho na Atividade de Extensão: “Atendimento e Qualificação em Ecografia Obstétrica”, e o “Grupo Apoio e Estímulo ao Parto Natural”. Nessa atividade, fazíamos discussões sobre temas que não seriam o foco durante o internato, também contando com plantões na maternidade e centros de ecografia, o que por si já me prepararia para o internato.

Estágios Eletivos

As eletivas, como previsto pelo Projeto Político Pedagógico, são organizadas a partir do interesse do estudante, no qual pode escolher desenvolver atividades em

outro serviço, ou mesmo, nos próprios territórios da Universidade, tendo a oportunidade complementar estudos em alguma área que lhe chame interesse. Na minha primeira eletiva, no segundo ano, tive a oportunidade de realizar um estágio na Colômbia, após quase 15 anos afastada. Nesse período, fui recebida no Hospital Rúbem Cruz Velez, acompanhando a rotina de serviço na Clínica Médica e entrando em contato com o sistema de saúde do meu país de origem, tendo a oportunidade de comparar com o SUS do Brasil.

Em 2019, no meu terceiro ano, fiz meu estágio eletivo no serviço de Oncologia Clínica da Santa Casa de São Carlos. Essa foi a primeira e última vez que fiz contato com um serviço de oncologia nesses 6 anos de formação, e aproveitei para aprimorar os conhecimentos na fisiopatologia da oncogênese e os principais sistemas de estadiamento dos tumores.

No início de 2020, antes da pandemia chegar, fiz um estágio eletivo na Maternidade de São Carlos, acompanhando a rotina Obstétrica, me preparando desde então para as atividades do internato. Com a pandemia, minha eletiva de 2021 consistiu em cursos on-line por plataformas vinculadas ao Ministério da Saúde, uma vez que os estágios presenciais, já difíceis de conseguir, ficaram impossíveis de se conseguir.

Na minha última eletiva, em 2022, optei por uma área que eu gostasse muito, e com isso, acompanhei o serviço de Cardiologia da Santa Casa de São Carlos, onde acompanhei a enfermaria cardiológica e o centro de Hemodinâmica. Foi um dos estágios mais prazerosos, pois passava manhãs inteiras discutindo eletrocardiogramas dos pacientes e aproveitando a semiologia tão rica da cardiologia.

7 CONCLUSÃO

"Nada é permanente, exceto a mudança."

- Heráclito de Éfeso

Finalizo aqui minha Narrativa Crítico-reflexiva da minha trajetória até aqui com uma grande sensação de nostalgia, e orgulho da mulher que me tornei hoje. Me despeço com muito carinho da UFSCar, que me acolheu durante esses anos, me ensinando muito mais do que Medicina. Neste momento estou na contagem regressiva dos dias que faltam para receber meu Diploma, mas sei que minha formação está longe de ser concluída, existe um longo caminho a ser percorrido após a Medicina UFSCar.

8 REFERÊNCIAS

CARVALHO, HAROLDO TEÓFILO; CHIQUILLO, MARIA PAZ LOZANO ; TANAKA, STELLA NAOMI ; DE CASTRO, ANA CÂNDIDA ARRUDA VERZOLA ; KUMMER, LANA ; ROSCANI, MELIZA GOI . Accuracy of obstetric ultrasonography compared to fetal echocardiography in diagnosis of congenital heart disease at a secondary level hospital in Brazil: A pilot study. *Progress in Pediatric Cardiology*, v. 1, p. 101420, 2021.

CARVALHO, H. T.; CHIQUILLO, MARIA PAZ LOZANO ; TANAKA, S. N. ; ARRUDA, A. C. V. C. ; KUMMER, LANA ; ROSCANI, M. G. . Cardiac Fetal Changes Associated with Maternal Infection by SARS-CoV-2: Case Report. *EC Paediatrics*, v. 11, p. 5, 2022.

Curso de medicina – CDBs. Projeto político pedagógico. 2007. Disponível em <http://www.dmed.ufscar.br/arquivos/projeto-pedagogico-2007>

GEMIGNANI, Elizabeth Yu Me Yut. Formação de Professores e Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem: Ensinar Para a Compreensão. *Revista Fronteira das Educação*, Recife / PE, v. 1, n. 2. jan. 2012.

PINHO, Maria José de. Ciência e ensino: contribuições da iniciação científica na educação superior. *Avaliação (Campinas)* 22 (3) • Sep-Dec 2017 <https://doi.org/10.1590/S1414-40772017000300005>.

SANTOS, Taciana da Silva. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem. 2019. Mestrado profissional em educação profissional e tecnológica instituto federal de educação, ciências e tecnologia de Pernambuco – campus Olinda, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Folha de aprovação

VIVÊNCIAS NO CURSO DE MEDICINA UFSCAR

 *Silvana Chachá*

Prof. Dra. Silvana G. F. Chachá
DMED - UFSCar

Assinatura da orientadora, que avaliou e aprovou o Trabalho de Conclusão de curso da aluna, e emitiu conceito satisfatório.

Maria Paz

Maria Paz Lozano Chiquillo - discente do departamento de medicina da UFSCar